

PANDEMIA DE ÓDIO
COMO COMBATER OS DISCURSOS DE ÓDIO?

Javier García Castiñeiras¹

O vírus não vive nem se move só. Nós o movemos. Ele tem uma grande capacidade de transmissão, mas fomos nós quem nos oferecemos à sua mutação para sermos seus hospedes, por nosso estilo de vida, as colmeias que construímos para viver, os supermercados que nos oferecem tudo o que se produz no mundo e que boa parte descartamos, ao mesmo tempo em que o número de pessoas que passam fome segue crescendo (ONU, 2018). Assim o transportamos e disseminamos em nossas amontoadas cidades e através dos mais de 10.000 aviões que voam ao mesmo tempo, mais de um milhão de pessoas em viagem aérea pelo mundo ao mesmo tempo. Seria impossível separar os motivos intrínsecos à microbiologia do vírus e os favorecidos por nossa forma de viver no mundo. Pelo contrário: se somam.

Como ignoramos como preveni-lo e como curá-lo do ponto de vista médico, a saída é nos contermos, nos isolarmos e nos tele-convertermos. São traços da nossa mutação cultural.

O contexto desta pandemia é, então, nossa fragilidade biológica e de conhecimento. Como outras enfermidades e calamidades sociopolíticas, nos

traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização (Freud, 1927)

Também pensávamos que as conquistas socioculturais, ao longo de muitos anos e através das várias gerações, pelos direitos humanos e em um sentido progressista, eram sólidas e iriam crescendo com o aumento da consciência social. Entretanto, em todo o mundo explodiu como uma pandemia um surto antipobre, anti-sem teto, antinegros, anti-indígenas e antimestiços, antiversidade sexual, antitrabalhador e, especialmente antissindicalistas, antiestudantes, antimanifestações e outras expressões populares, antimovimento feminista e anti-LGTB, antiaborto legal, anti-imigrante, anti toda ideia progressista e humanista. Simpatizantes ou atores da matança de bandidos, enforcados, mortos a tiros ou a golpes; simpatizantes ou atores de assassinatos de travestis, baleados, degolados. Simpatizantes ou atores da matança

¹Médico psiquiatra. Psicanalista. Membro Titular da APU. gp@adinet.com.uy

de moradores de rua desamparados: ateando fogo enquanto dormem. Simpatizantes ou atores de ataques a gays e a lésbicas, apedrejamento, golpe e assassinatos. Repressão e assassinato de indígenas. Constituição de grupo armados paramilitares contra os sem-terra ou contra os que se organizam para protestar. Propulsores do armamento da população para uma resposta violenta frente à violência. E, em especial, em todos esses casos, uma expressão pública, impudica e extrema de ódio. Isso que podemos chamar de uma **pandemia de ódio**.

Em outros momentos históricos como o nazismo, o fascismo, o falangismo, o stalinismo, fenômenos sociais com estes aconteceram. Depois pareceram se concentrar em setores ditatoriais, em regimes autoritários, em fundamentalismos religiosos e em grupos ou seitas isoladas sem maior apoio social. Entretanto, hibernam e voltam a explodir como movimentos sociais, políticos e religiosos muito extensos a nível mundial. Nunca desapareceram. À sombra dos poderosos continuam protegendo os crimes contra a humanidade (Estatuto de Roma, 1998), como continua acontecendo com o franquismo e na maior parte da América Latina, só para dar um exemplo.

As situações que implicam estas violências discriminatórias e excludentes têm leituras político-ideológicas necessárias e necessitadas de atualização, pois se repetem com variações ao longo da história. Como psicanalistas e integrantes de instituições científicas, formativas e inseridas na sociedade, é necessário percorrer estas perspectivas. Todo trabalho de desvelo no psiquismo e no social é um trabalho de Eros em favor e contra Thanatos. Quanto mais se atenta contra as redes inclusivas mais se potencializa a capacidade destrutiva e vice-versa.

Ocorre surpreendentemente que em muito pouco tempo grandes multidões abandonam posições e/ou votos progressistas e humanistas, articuladas em redes sociais, ideológicas e culturais, passando a outras próximas aos fenômenos nazi-fascistas-falangistas, instigadoras do medo, do ódio, da violência, de discriminações e destruidora das diferenças. Variações que podem ser também pensadas em seu viés político-ideológico, sem renunciar à pergunta de quais os fortes motivos movidos pela coisa humana que puderam gerá-las. Pois também vimos, em não poucos casos, a mutação de situações de revolução progressista e mudança social em regimes personalistas autoritários e repressivos, quando não genocidas, como aconteceu na URSS com o advento de Stalin, mas também em muitas outras revoluções populares.

Isto nos mostra que o deslizamento para o ódio pode estar em distintas ideologias, como fenômeno humano possível.

Não existiram períodos livres desse sentimento. Mas, sem dúvida, há condições que desatam e multiplicam a violência e o ódio com incrível velocidade e ferocidade. Possivelmente vivemos um achatamento da palavra e dos discursos, uma degradação do simbólico que tende a apostar nos conflitos e a incentivar as ações violentas para suprimir os diferentes. Da mesma maneira que Arendt (1963) descreveu em Eichmann, o que cada integrante do grupo e da multidão faz é se somar à corrente massiva que crê dogmaticamente que a xenofobia e o genocídio são práticas socialmente aceitáveis.

A pandemia viral e suas consequências psíquicas e socioculturais parecem ter colaborado para estas tendências ao ódio e, além do mais, parecem ter operado como uma lupa, que nos permite ver as linhas de fratura socioculturais e psíquicas que pré-existiam e anunciavam quebras das estruturas que entre todos nós vínhamos construindo no sentido de Eros. As linhas de ruptura já estavam ali, difíceis de ver e ponderar. Agora estão se abrindo, rapidamente, rachaduras que ameaçam as redes construídas.

A pandemia viral e o ódio nos conduzem ao desamparo infantil e à nostalgia pelo pai poderoso. Pode ser origem da religião ou pode ser origem de uma tirania. Ambos os riscos, o dos fanatismos religiosos e o dos fanatismos nacionais políticos, estão hoje no mundo e podem ser potencializados pelos efeitos da pandemia. Quanto mais frágeis e necessitados nos encontramos, mais riscos corremos de colocar alguém no lugar de todo-poderoso, onde depositamos tanto nossa onipotência como nossa agressividade.

O isolamento humano, a separação dos outros: filhos, pais, irmãos, amigos, nos concentra em nosso Eu, em um encerramento interno, acentuando assim a paranoia estrutural do Eu. Situa o Eu na tendência a funcionar em um modo de agressividade máxima (como o descreveram muito bem tanto Freud e Klein como Lacan), agredido ou agredindo, em relação com o semelhante. Sabemos na clínica analítica das situações de tensão pessoal e familiar no isolamento, mas também das manifestações sociais de violência. Inclusive a violência contra os infectados, expulsos, abandonados

em suas casas ou no mar – cruzeiros, barcos de carga – como são abandonados os migrantes.

Politicamente também é acionado o ambiente paranoico de guerras biológicas. Que saídas diante desse alheamento passional? Como nos movermos para funcionar fora desta estrutura quando vivemos imersos nela?

Tudo isso indica que a psicanálise não deve se deter, nem se isolar. Em nenhum de seus aportes, seja ele individual, familiar, grupal ou coletivo-social.

Estas violências se criptografam em discurso de ódio, algo que nos impele à reflexão devido aos riscos implicados na destruição das bases de qualquer coletividade. Reunidos em seitas, os grupos destroem uns aos outros, sem perceber que falam a mesma língua: a da intolerância com o outro e o do desejo de exclusão de tudo e todos os que não pertençam à seita. Uma *weltanschauung* nacionalista apaixonada em rejeitar e expulsar o diferente. O interessante para a Psicanálise e outras disciplinas afins é poder pensar qual a razão destas crenças surtirem efeitos e se converterem em convicções fechadas. Na Alemanha nazi se convencia que os judeus, ciganos, homossexuais alteravam a pureza racial e deviam ser exterminados.

Nossa questão é: como combater esse discurso de ódio? Criando novos relatos ali onde a exclusão e a morte do pensamento nos ameaçam. Não obstante reconhecer, sem resignação, mas com realismo, que os discursos de ódio e exclusão são parte do humano. A pulsão de destruição e de morte nos constitui. A repetição através do tempo e a conservação da impunidade de genocídios e genocidas através de leis de impunidade que amparam ditadores, assassinos, torturadores, mostram que a sociedade protegeu e segue protegendo as violações dos Direitos Humanos. Filio-me ao pensamento de Hanna Arendt em seu livro *Eichman en Jerusalem* (Arendt, 1963). Eichman, não é a exceção, não é um psicopata cuja monstruosidade explica seus atos, mas sim um produto de um projeto racional, planejado, é produto de um sistema, dominado pelo ódio e pela discriminação. Nada era deixado ao acaso, à paixão, tudo era pensado para exterminar milhões de seres, em um dos países mais cultos da Europa. Ação metódica, calculada e intencional que uma parte da humanidade

provoca contra outra. Outros mundos, outras realidades, outros momentos históricos, mas sempre reaparecem pensamentos dogmáticos racionais e mortíferos.

O assassinato da diferença achata o tempo no sentido que conceitualizou J. Derrida na *différance* (Derrida, 1967). Em outras palavras, nessa articulação entre o diferente e o diferido que gera a ideia de tempo, de espera e de esperança. É o arcabouço social de relatos tanto escritos como verbais, como em ato de massas, o que permite que a espera não nos desespere e não nos des-esperance, pelo contrário, favoreça a firme esperança nessa força do que diz de variadas formas.

Nós psicanalistas sabemos destes mecanismos nos processos psíquicos de substituição e elaboração simbólica e, sobretudo, sabemos da força e eficácia transformadora que estes mecanismos simbólicos têm. Está claro, também sabemos que os fenômenos sociais excedem nosso campo de experiência e conhecimento, assim como dos limites do simbólico. Penso que na origem mesmo das leis, para dizer de alguma maneira, há um núcleo perverso e isto gera contradições centrais que, ou se achatam e o perverso predomina ou a colocamos para trabalhar para que produza algo diferente. Algo assim, relaciono com a seguinte citação de Freud em sua carta a Einstein:

“tudo o que trabalha em favor do desenvolvimento da cultura trabalha também contra a guerra.” (Freud, 1932)

REFERÊNCIAS

- Arendt, H.(1963)**, Eichmann en Jerusalém (1963). Ed. Lumen, Barcelona, 1999.
- Derrida, J. (1967)**. "*La escritura y la diferencia*" (1967), Ed. del Hombre Anthropos; Barcelona;1989. "Différance", conferencia pronunciada en la *Sociedad Francesa de Filosofía* el 27 de enero de 1968.
- Freud, S. (1927)**, El porvenir de una ilusión; O.C.; Ed. Amorrortu, Vol. XXI, BsAs; 1992; p. 16.
- Freud, S. (1932)** ¿Porqué la guerra? Ed.Amorrortu; vol. 22; BsAs, 1991; pp.187-198.
- ONU(2018)** Informe del 11 de septiembre de 2018: *El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo 2018*.Comunicado de prensa. Roma.